

**especial** ensaio

---

# DERRIDA E A UNIVERSIDADE

---

## Evando Nascimento

Escritor, ensaísta e professor da UFJF. Ph.D. em  
Filosofia pela Universidade Livre de Berlim

QUANDO RECEBI O CONVITE PARA ESCREVER este texto, relacionando o tema da Universidade ao pensamento de Jacques Derrida, lembrei-me de um artigo que publiquei há quinze anos, mais exatamente em 4 de novembro de 2001, no extinto Jornal do Brasil. Estávamos no auge da chamada era FHC, em que se deu o desmonte geral do ensino público, especialmente do ensino superior. Cito um pequeno trecho dessa antiga mas ainda atual reflexão, no momento em que voltou ao poder a tendência neoliberal daqueles anos: “É toda uma estrutura universitária que precisa ser melhorada, com mais investimentos e organização, e não por um processo de sucateamento ou, pior ainda, de privatização”<sup>1</sup>

A questão universitária resume em grande parte a história da noção de *desconstrução* nas últimas cinco décadas. Sem dúvida, muito do que aconteceu a partir ou em torno da obra de Jacques Derrida se deu no âmbito da universidade. Todavia, isso não significa em hipótese alguma limitar os efeitos desconstrutores ao espaço acadêmico. Não somente porque muitas das estratégias de reflexão ultrapassam os muros institucionais, mas também porque o reconhecimento da obra teve, sobretudo nos últimos anos, um alcance amplamente cultural.

Sabe-se que a difusão do trabalho de Derrida nos *campi* norte-americanos, a partir da década de 1960, teve o belga



1 Disponível em [http://www.evandonascimento.net.br/ensaios/a\\_questao\\_universitaria.pdf](http://www.evandonascimento.net.br/ensaios/a_questao_universitaria.pdf)

Paul de Man como um de seus articuladores. Nos anos seguintes, a desconstrução se tornou uma das grandes linhas mundiais de investigação acerca de questões que atravessam diversas áreas do conhecimento: filosofia, literatura, artes, arquitetura, direito, teatro, educação, entre outras. É da vocação fundamental desse tipo de estudo ultrapassar fronteiras criteriosamente, de modo a dar conta das diversas maneiras como o saber se articula no Ocidente e noutras partes. Trata-se de abalar alguns dogmas da chamada tradição metafísica iniciada pelos gregos antigos, mas desde as origens em diálogo com o que veio mais tarde a se chamar de Oriente. Decerto hoje, numa época de civilização planetária, a divisão entre cultura ocidental e oriental é a última fronteira que o pensamento desconstrutor ajudou a problematizar ao extremo.

Não por acaso, Elisabeth Roudinesco, em seu diálogo com Derrida (publicado em 2004 pela editora Zahar como *De que amanhã...*, numa tradução de André Telles), declara a certa altura que o mundo se parece cada vez mais com ele. Como diz a historiadora da psicanálise: “Tenho por vezes a impressão de que o mundo hoje se parece com o senhor e com seus conceitos, que nosso mundo está desconstruído e que se tornou derridiano, a ponto de refletir, como uma imagem no espelho, o processo de descentramento do pensamento, do psiquismo e da historicidade, que o senhor contribuiu para articular”.<sup>2</sup> Derrida põe em dúvida esse *trunfo* de seu trabalho, sublinhando as inúmeras resistências e

preconceitos que em diversos tempos e espaços tem sofrido.

Na primeira entrevista que me concedeu, publicada em 15 de fevereiro de 2001, no antigo suplemento Mais!, da Folha de S. Paulo, ele faz um comentário semelhante, nuançando a hipótese de sucesso: “Por um lado, a desconstrução só é conhecida com esse nome nos pequenos meios universitários e, digamos, literários. Por outro lado, mesmo nesses meios, é combatida, desencadeando-se literalmente uma guerra em torno dela”.

Logo em seguida, como faz em diversos outros lugares, ele destaca que não existe *a* desconstrução. Não se trata de uma disciplina, de uma doutrina ou de um movimento, mas sim, antes de mais nada, de *acontecimentos* que ocorrem no mundo. Exemplo disso seria o vasto abalo das fronteiras nacionais que ainda se constata atualmente. No entanto, está claro que, em suas relações com a tradição filosófica, as desconstruções (no plural, como ele prefere nomear) se passam sobretudo nas salas de aula, nos eventos e nas publicações universitárias.

O substantivo “desconstrução” e o verbo equivalente, muitas vezes com grandes equívocos, se tornaram dois grandes signos da contemporaneidade, utilizados generalizadamente pela mídia impressa e digital. Mesmo quem nunca ouviu falar de Derrida recorre com frequência à ideia de desconstruir algo, uma situação, uma atitude ou um discurso. É como se as pessoas, intuitivamente, percebessem que palavras mais ou menos próximas como *criticar*, *destruir* ou *demolir* não detêm a mesma

2 Todas as traduções de citação são minhas.

potência reflexiva que a noção de desconstrução. Tal como o vocabulário de Freud, a vulgarização da terminologia derridiana não é um mal em si, tudo depende do uso que dela se faça. Em todo caso, esse é um indicador de que a atividade filosófica tem diversas implicações no plano real, a que naturalmente também pertence.

Atente-se para a razão de que desconstruir não é mesmo sinônimo de demolir, menos ainda de destruir. Somente põe-se em causa uma série de *centramentos*, que se ergueram ao longo da história ocidental e planetária como um todo: Deus, a Essência, o Ser como Presença original, o Homem, a Verdade, a Razão, e assim por diante. A lista por definição não tem fim, e diversos pensadores da tradição metafísica forneceram o mote para Derrida *performar* análises e intervenções de natureza variada (ensaios, artigos, conferências, cartas): Rousseau, Kant, Aristóteles, Hegel, Platão, Husserl, Descartes, entre outros.

Nessa perspectiva, o saber universitário, e tudo o que nele está implicado em termos de hipóteses, pesquisas, debates, disputas de poder etc., é um dos temas privilegiados da escrita derridiana. Importa sempre analisar as condições institucionais que sustentam um discurso, seja ele filosófico ou qualquer outro das ciências humanas e mais além.

Ao menos dois textos assinados por Derrida abordam diretamente a questão universitária: “Mochlos: l’œil de l’Université” e *L’université sans condition*. Na impossibilidade de fazer comentários mais extensos sobre ensaios bastante densos, indicarei apenas algumas questões fundamentais de cada um deles.

O primeiro consiste numa seção do livro *Du droit à la philosophie* (editora Galilée, 1990), traduzida em parte no Brasil com o título de *O olho da universidade* (editora Estação Liberdade, 1999, por Ricardo Canko e Ignacio Neis). O ensaio que se intitula “Mochlos ou o conflito das faculdades” retoma um famoso texto de Kant intitulado justamente *O conflito das faculdades*. Nele, Kant reflete sobre a “boa ideia” que se teve de repartir o conhecimento em setores distintos e, ao mesmo tempo, reunidos no espaço da universidade. Essa instituição forma, com grande autonomia, seus quadros de competência, legitimando os saberes que nela se desenvolvem, bem como, e conseqüentemente, os indivíduos a quem são atribuídos o título de Doutor. Derrida sublinha no discurso kantiano que o que torna complexo o estatuto da instituição universitária é que sua criação e mesmo sua manutenção dependem de uma instância que a ultrapassa, o próprio Estado. Então, pode-se deduzir que haverá sempre uma tensão e até mesmo um conflito de base entre autonomia universitária e poder estatal. Essa tensão não se reduz, ao contrário, se intensifica, quando o saber acadêmico depende de instâncias privadas. O que assistimos no Brasil, neste momento, é justamente a mais uma tentativa do governo federal, de direita, originado de um autêntico golpe de Estado, no sentido de reduzir as verbas da pesquisa universitária, tal como aconteceu durante os dois mandatos – referidos no início do artigo – de inspiração neoliberal do sociólogo Fernando Henrique Cardoso.

É justamente nessa perspectiva que o pensamento desconstrutor nos ajuda a

pôr em questão políticas deletérias que, em nome da estabilidade econômica (estabilidade esta jamais salvaguardada quando se trata de fazer uso privado, político e eleitoral de verbas públicas), procuram desestabilizar a atividade acadêmica de docência e pesquisa. Cito Derrida: “Sendo assim, se ela pretende ter alguma consequência, o que se chama com alguma ligeireza de *a* desconstrução não é nunca um conjunto técnico de procedimentos discursivos, menos ainda um novo método hermenêutico, que trabalha com arquivos ou enunciados sob a égide de uma instituição determinada e estável; é também, pelo menos, uma tomada de posição, no próprio trabalho, em relação a estruturas político-institucionais que constituem e regulam nossa prática, nossas competências e nossos desempenhos”.

Já “A universidade sem condição” foi uma conferência realizada na Universidade de Stanford, em 1998, publicada em 2001 como livro pela Galilée e traduzida por mim em 2003, para a Estação Liberdade. Nesse texto, Derrida retoma a necessidade do respeito à autonomia universitária, apesar de ela estar vinculada a um poder (estatal ou privado) que a ultrapassa: “A universidade moderna *deveria ser sem condição*. [...] Essa universidade reivindica e deveria ver reconhecida em princípio, além do que se chama de liberdade acadêmica, uma liberdade *incondicional* de questionamento e de proposição, até mais ainda, o direito de dizer publicamente tudo o que uma pesquisa, um saber e um pensamento da *verdade* exigem. [...] Decerto o estatuto e o devir da verdade, bem como o valor de verdade, ocasionam discussões

infinitas. [...] Mas isso é debatido, de modo privilegiado, *na* Universidade e nos departamentos que pertencem às Humanidades”.

Nesse sentido, procurando entender o que seria uma *universidade por vir*, ele intenta analisar em particular: 1) a relação entre os saberes universitários e a globalização (ou *mondialisation*, como preferem dizer os franceses); 2) o desenvolvimento das tecnologias de virtualização e de deslocamento, isto é, interpretar o que acontece com o saber universitário quando confrontado a uma possível *ciberdemocracia*; 3) a compreensão de como é possível falar ainda de *sobrerania* para afirmar certa incondicionalidade da instituição universitária, sem recair nos dogmas de origem teológica, encarnados na figura do *soberano*; 4) a necessidade de reafirmar os *direitos do homem*, ao tempo que se problematizam os conceitos herdados da tradição humanista.

Assinalaria de passagem que a universidade sofre atualmente não poucos ataques, fundados não só no desconhecimento sobre sua realidade, por parte de leigos que nunca a frequentaram, mas também por parte de autodeclarados intelectuais que se arrogam superiores a determinados pensadores, nacionais ou internacionais, os quais constituem referência para a pesquisa de ponta. Derrida é sem dúvida um alvo privilegiado desse tipo de obscurantismo crítico, no limite do ódio, mas inúmeros outros nomes poderiam ser citados. Assim, para essas pessoas, *acadêmico* é sinônimo de algo ultrapassado, enrijecido e eventualmente pouco *democrático*. Com certeza, está implicada nesse tipo

“

entram naquilo que invento um tanto de imaginação pessoal e outro tanto de referências literárias, artísticas, filosóficas e existenciais

de discurso uma visão cega do que seja democracia, algo que, para esses detratores, seria fundado na mera intuição e na ignorância. Como se o acesso (hoje vital e relevante, vale dizer) à internet trouxesse, por si só, como um milagre, a formação que a instituição universitária, com muitas dificuldades, proporciona. Não há verdadeira democracia sem uma universidade pública, autônoma e bem-estruturada. Ali onde vige o obscurantismo reina o poder totalitário de indivíduos e do Estado.

Quando fui aluno de Derrida nos anos 1990, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, com bolsa do CNPq, tive a oportunidade de assistir a sua atuação como conferencista e professor universitário. Apesar de o texto de cada aula vir impresso, a leitura era plenamente viva, como se o pensamento estivesse se fazendo no momento mesmo de sua exposição. Igualmente, os diálogos que tive com ele, enquanto diretor de estudos, marcaram em definitivo minha formação duplamente literária e filosófica.

Como já disse em outros lugares, nem por esse motivo me sinto um *discípulo de Derrida*. Ele é certamente, junto com Nietzsche, o autor de textos filosóficos que mais li nesses anos todos de envolvimento com o saber universitário. Porém, sempre me interessou muito mais o aproveitamento que faço desse pensamento do que a simples exegese. Quando interpreto algumas de suas categorias, procuro sempre acrescentar algo de meu, por assim dizer *suplementando* seu discurso.

Quase tudo o que escrevo como ensaio ou ficção decerto deve alguma coisa a Derrida. Contudo, trata-se muito mais de uma reinvenção do legado do que mera repetição do que o outro disse. Isso porque entram naquilo que invento um tanto de imaginação pessoal e outro tanto de referências literárias, artísticas, filosóficas e existenciais que pouco ou nada têm a ver diretamente com as reflexões derridianas. Em termos de herança cultural, é categoricamente imperativo multiplicar os pais e as mães, a fim de não se tornar o filho esmagado, e pouco inventivo, de um pai só... 